

ILARI, Rodolfo. O Estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. In: Mussalin, F.; Bentes, A.C.(Org.) *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004, p.53-92. v.3.

O berço da linguística

Luzia Alves*

Rodolfo Ilari é doutor em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas, onde atualmente é colaborador voluntário, e mestre em Lingüística pela Université de Besançon. Publicou livros destinados ao ensino de graduação de linguística. Como professor e pesquisador, exerceu ampla atividade de divulgação científica, sobretudo junto a professores de Língua Portuguesa, em cursos, palestras e debates em torno da língua e seu ensino. Uma de suas colaborações à Linguística é a publicação do capítulo “*O Estruturalismo lingüístico: alguns caminhos*”, no livro *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*, organizado por Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes.

Em O Estruturalismo lingüístico: alguns caminhos, Ilari apresenta, primeiramente, o estruturalismo no Brasil, a partir dos anos 60, como estudo de linguagem e a coincidência do evento no momento em que a linguística é reconhecida como ciência. Ele procura esclarecer as diferenças de motivação e de orientação que distinguem a estruturalismo europeu do estruturalismo americano.

Para tanto, o autor inicia sua abordagem pelo Saussurianismo, cuja metáfora básica é a noção de valor, fixado a partir da situação recíproca da língua ou do equilíbrio de termos

* Pertence ao Grupo de pesquisa "Crítica Textual e Edição de Textos", da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

complexos que se condicionam reciprocamente. Essa noção é compreendida por uma série de distinções teóricas e decisões que a preparam, dentre as quais a distinção entre língua e fala, forma e substância, pertinência, e as noções de significante, significado e signo. Daí o entendimento de que o valor linguístico se dá distintivamente pela diferença. Ressalta-se a arbitrariedade do signo, que se define por oposição à motivação e por iconicidade. O Saussurianismo propõe estudos sincrônicos da língua por valorizar nela tudo o que é sistemático, dando a esses estudos posição em primeiro plano. Nesse sentido, chega-se a mais fundamental das oposições saussurianas: sistemas e seus possíveis usos.

Como consequência desse postulado saussuriano, houve uma separação entre a dimensão social e individual do funcionamento da língua; tratamento distinto para o sistema e seus usos e oposição clara aos episódios comunicativos historicamente realizados.

Em seguida, o estudioso apresenta a Escola Lingüística de Praga, cujo foco é a Fonologia e que tem como representantes Troubetzkoy, Roman Jakobson e Wilhem Mathesius, que influenciou linguistas da Escola de Praga. Estes linguistas desenvolveram uma concepção de comunicação mais rica, que levou a perspectiva da análise conhecida como *Perspectiva Funcional da Sentença*, ou seja, a concepção dinâmica da comunicação. O dinamismo comunicativo se distribui de maneira desigual nos enunciados e comporta uma parte menos dinâmica - *o tema* - e uma parte mais dinâmica - *o rema*. Essas duas funções comunicativas são autônomas em relação às funções sintáticas do sujeito e do predicado.

Outra escola de lingüística estrutural analisada por Ilari foi a *Glossemática*, cujos expoentes são Hjelmslev, Viggo e Bröndal. Hjelmslev procurou caracterizar as relações pelas quais as línguas se estruturam, do ponto de vista lógico, atribuindo atenção particular às relações entre as unidades nos vários níveis de análise. O par terminológico sintagma e paradigma e a variedade de relações entre eles é objeto de tipologia exaustiva. No Brasil, a Glossemática ficou conhecida como *Análise Composicional*.

Descendentes do Saussurianismo e com fortes contatos com o Círculo de Praga e Copenhague, André Martinet apresenta o *Funcionalismo*, que é menos marcado do ponto de vista do conceito. Ilari atribui ao funcionalismo de Martinet a importância do princípio da economia, pela qual se desenvolveu a fonologia diacrônica.

Como última figura do estruturalismo europeu, identifica-se Roman Jakobson, que transitou por vários campos, deixando contribuição original, desde a fonologia até a linguagem da poesia, desde a aquisição da linguagem dita "normal" até a patologia lingüística.

Quanto ao estruturalismo americano, a preocupação foi analisar as línguas dos indígenas da América do Norte descritivamente, por meio da gramática, procurando evitar a interferência dos conhecimentos dos lingüistas. Os linguistas americanos não se reconheceram como saussurianos e têm como referência intelectual Leonard Bloomfield. Tem interesses diversificados e preconizam a constituição de um *corpus* de sentenças ou textos de uma língua. É aqui que aparecem dois momentos de representação da língua: o morfema e o fonema, e que a análise do *corpus* pode ser mediada.

Seus estudiosos mais dedicados foram Boas, Sapir, Bloomfield e Harris. Para Boas a língua tem estrutura peculiar e por isso é impossível aplicar a gramática de uma língua em outra. Bloomfield esforçou-se para tornar a lingüística uma disciplina autônoma e científica. Rejeita a abordagem direta dos dados e sua mensuração. Harris defende a gramática não conteudista, em que tudo se distribui caoticamente e entram em determinados ambientes sintáticos e em outros não.

O estruturalismo, no final dos anos 60, apresenta no hemisfério norte, sinal de esgotamento e começa a receber críticas como as de Émile Benveniste, que afirma ter o estruturalismo ignorado o papel do sujeito na língua. Acredita que os fenômenos não são explicáveis fora de uma referência à fala e aos diferentes papéis que os falantes assumem na interlocução.

Para Eugênio Cosseriu, a sincronia é ficção, pois o velho convive com o novo e é fruto de diferentes momentos da história. Propõe a pancronia, uma instância operacional e psicologicamente mais real que a própria língua: a norma.

A crítica de Pêcheux é que ao ignorar a parole (fala), o estruturalismo inviabilizou estudos textuais e sentidos dos textos. Pêcheux salienta a representação equivocada de liberdade linguística defendida pelos estruturalistas.

Dessas críticas, perceberam-se três traços entendidos como problemas para o estruturalismo: seu caráter anti-historicista, anti-idealista e anti-humanista.

Como se pôde perceber, o mérito do capítulo *O Estruturalismo: alguns caminhos* está em Rodolfo Ilari situar o leitor historicamente acerca do estruturalismo, de maneira que este possa ter a noção de como se consolidou a lingüística e quem foram seus grandes contribuintes.

Para entender e gostar do ensaio é necessário ter conhecimento prévio sobre o assunto. A linguagem do texto permite sua indicação a professores de Letras, alunos de graduação preocupados com a linguagem e interessados a conhecer os processos pelos quais se chegou aos estudos linguísticos contemporâneos.